

Edvaldo Ferreira

Gramática da **Língua Portuguesa**

1ª edição
Recife – PE



2015

CAPÍTULO 1

INTERPRETAÇÃO DE TEXTO

As questões de interpretação de texto exigem compreender tipologia de texto, gênero de texto, a distinção entre objetividade e subjetividade, funções de linguagem, figuras de linguagem, articulação textual, além de recursos linguísticos que serão vistos no capítulo 17 desta obra. Vamos iniciar com o estudo de tipologia de texto.

1.1. TIPOS DE TEXTO

Os textos se classificam de acordo com específica **sequência**. Se temos uma sequência de falas alternadas, o texto é DIALOGAL; se temos uma sequência de características, o texto é DESCRITIVO; se temos uma sequência de comandos ou instruções, o texto é INJUNTIVO; se temos uma sequência de fatos / ações, o texto é NARRATIVO; se temos uma sequência de informações e ideias sobre determinado tema, o texto é DISSERTATIVO. Observe, portanto, a sequência existente no texto da prova para identificar o tipo de texto. É possível existir mais de um tipo em único texto. Neste caso, a banca examinadora solicita do candidato o tipo predominante no texto selecionado para análise. Ora pode predominar a narração, ora pode predominar a dissertação, ora a descrição etc.

Há a dissertação EXPOSITIVA (quando o autor da dissertação não apresenta sua opinião sobre determinado tema; apenas expõe seu conhecimento objetivo sobre o tema. A sequência de ideias sobre o tema é, portanto, impessoal) e existe a dissertação ARGUMENTATIVA (quando o autor da dissertação não se limita a mostrar a informação objetiva sobre o tema, mas garante também sua opinião sobre as informações apresentadas em seu texto dissertativo).

EXEMPLO DE TEXTO NARRATIVO:

“Chegou enfim a casa. Ao portão estava um escravo, a quem deu a espingarda. A demora causara alguma inquietação à família; logo que as duas senhoras souberam de seu regresso, correram a recebê-lo, ficando D. Úrsula a uma janela, e descendo Helena até meio caminho. A aparição súbita da moça, a alegria e o amor, que pareciam impedi-la, a perfeita ingenuidade do gesto,

tudo produziu nela a necessária reação, reação de um instante, mas salutar, porque a crise era demasiado violenta. Estácio apertou as mãos da moça com energia. Um fluido sutil percorreu as fibras de Helena, e aquele rápido instante teve toda a doçura de uma reconciliação.” – Helena, de Machado de Assis

NOTA: No texto narrativo, é comum predominar verbos no presente ou no pretérito perfeito. Na sucessão dos enunciados da estrutura narrativa sempre ocorre uma mudança, uma transformação de estado com alguém: ora ocorrem enunciados de estado, ora surgem enunciados de ação, assegurando contínuas mudanças que dão origem a novos enunciados, novos estados.

EXEMPLO DE TEXTO DESCRITIVO:

A sala não é grande, mas espaçosa; cobre as paredes um papel aveludado de sombrio escarlate, sobre o qual destacam entre os espelhos duas ordens de quadros. Deve fazer ideia da energia e aparente vitalidade com que as linhas e colorido dos contornos se debuxavam no fundo rubro, ao trêmulo da claridade deslumbrante do gás. A mesa oval, preparada para oito convivas, estava colocada no centro sobre um estrado, que tinha o espaço necessário para o serviço dos criados; o resto do soalho desaparecia sob um felpudo e macio tapete, que acolchoava o roda pé e também os bordos do estrado.”

José de Alencar

NOTA: O texto descritivo garante uma sequência de características. Temos, portanto, detalhamento de um objeto, de um indivíduo ou de um fato. Predominam, assim, verbos de situação. Predominam também adjetivos. Ou predominam expressões qualificativas. Nesse tipo de texto, o autor põe em relevo o pormenor, os detalhes. E, com isso, faz presente a construção de imagens. Há, enfim, estruturas imagéticas.

EXEMPLO DE TEXTO INJUNTIVO:

UTILIZAÇÃO DA CÂMARA DE VÍDEO: verifique se nenhuma matéria estranha como areia, cabelo ou sujidade entra na tampa da bateria. Não abra

a tampa com as mãos molhadas ou sujas de areia. Abra a tampa com a câmara de vídeo completamente seca. Faça as alterações necessárias às definições usando o painel táctil antes de usar a câmara de vídeo debaixo da água.

NOTA: A linguagem dos textos injuntivos é simples, objetiva. A finalidade é conduzir alguém para a execução de algo pretendido: há sequência de comandos ou instruções. Um dos recursos linguísticos marcantes e recorrentes desse tipo de texto é a utilização dos verbos no imperativo, de modo a indicar uma “ordem”, ou necessidade a ser cumprida.

EXEMPLO DE TEXTO DIALOGAL:

- Vamos ao cinema, Sandra.
- Não posso!
- Lá vem você com a mesma desculpa!
- Não se trata de desculpa. Estou cheia de obrigações, Pedro.
- Então, amiga, precisa organizar melhor seu tempo!
- Lá vem você com piadinhas! Eu já falei que minha vida...

NOTA: Texto dialogal é aquele que é produzido por, pelo menos, dois interlocutores que alternam o uso da palavra, numa situação de diálogo, de conversação. Comum, portanto, o texto dialogal em conversa telefônica, em entrevistas, em debates etc.

EXEMPLO DE TEXTO DISSERTATIVO:

EXEMPLO 1

O agente ético é pensado como sujeito ético, isto é, como um ser racional e consciente que sabe o que faz, como um ser livre que escolhe o que faz e como um ser responsável que responde pelo que faz. A ação ética é balizada pelas ideias de bem e de mal, justo e injusto, virtude e vício. Assim, uma ação só será ética se consciente, livre e responsável e será virtuosa se realizada em conformidade com o bom e o justo. A ação ética só é virtuosa se for livre e só o será se for autônoma, isto é, se resultar de uma decisão interior do próprio

agente e não de uma pressão externa. Evidentemente, isso leva a perceber que há um conflito entre a autonomia da vontade do agente ético (a decisão emana apenas do interior do sujeito) e a heteronomia dos valores morais de sua sociedade (os valores são dados externos ao sujeito). Esse conflito só pode ser resolvido se o agente reconhecer os valores de sua sociedade como se tivessem sido instituídos por ele, como se ele pudesse ser o autor desses valores ou das normas morais, pois, nesse caso, ele será autônomo, agindo como se tivesse dado a si mesmo sua própria lei de ação.

Marilena Chaui. Uma ideologia perversa.

EXEMPLO 2

Aceitar que somos indeterminados naturalmente, que seremos lapidados pela educação e pela cultura, que disso decorrem diferenças relevantes e irredutíveis aos genes é muito difícil. Significa aceitarmos que há algo muito precário na condição humana. Parte pelo menos dessa precariedade ou indeterminação alguns chamarão liberdade. Porém nem mesmo a liberdade é tão valorizada quanto se imagina. Ela implica responsabilidades.

Parece que se busca conforto na condição de coisa. Se eu for objeto, isto é, se eu for natureza, meus males independem de minha vontade. Aliás, o que está em discussão não é tanto o que os causou, mas como resolvê-los: se eu puder solucioná-los com um remédio ou uma cirurgia, não preciso responsabilizar-me, a fundo, por eles. Tratarei a mim mesmo como um objeto.

A postura das ciências humanas e da psicanálise é outra, porém. Muito da experiência humana vem justamente de nos constituirmos como sujeitos. Esse papel é pesado. Por isso, quando entra ele em crise – quando minha liberdade de escolher amorosa ou política ou profissionalmente resulta em sofrimento –, posso aliviar-me procurando uma solução que substitua meu papel de sujeito pelo de objeto.

Roberto Janine Ribeiro. A cultura ameaçada pela natureza.

NOTA: Consiste na elaboração de um texto com sequência de informações sobre determinado tema. Existe a dissertação expositiva (informativo) e há a dissertação argumentativa. Na dissertação expositiva (exemplo 1), não há o propósito de convencer o leitor: apenas informar. Mas na dissertação argumentativa, existe esse propósito (exemplo 2). Na dissertação argumentativa, o

autor se insere no texto, dando seu olhar criterioso, sua opinião sobre fatos e informações sequenciadas.

Enquanto a objetividade traz o autor ausente da enunciação apresentada ao leitor, a subjetividade assegura a presença de quem declara algo. É preciso procurar identificar, portanto, quando o autor está ausente ou quando o autor do texto está presente em sua enunciação. Na dissertação argumentativa, a que o autor da dissertação procura defender uma tese, ou seja, sua intenção é convencer ou persuadir o leitor, as impressões pessoais (a subjetividade) do enunciador sobre o tema dissertado marcam a personalidade do próprio enunciador em sua enunciação. Ele, ao longo da dissertação argumentativa, vai deixando suas marcas, suas opiniões. Já a dissertação expositiva é caracterizada pela sequência de informação sem marcas subjetivas, sem opinião sobre os fatos / sobre as informações em sequência.

1.2. GÊNERO DE TEXTO

O elemento caracterizador do gênero de texto é sua **função social**. É justamente a função social do texto que determina o gênero do texto lido na hora da prova. São exemplos de gênero de textos: editorial, piada, artigo de opinião, entrevista, propaganda, notícia, reportagem, charge, tira, e-mail, ofício, exposição de motivos, memorando, ata, crônica, fábula, bula etc.

O **editorial** é caracterizado por expressar opinião sobre determinado tema. Imagine o editorial de um jornal ou de uma revista sob seus olhos. Essa opinião defendida é a opinião do próprio jornal ou da própria revista que publicou o editorial. Portanto, quanto ao tipo de texto, é comum os editoriais apresentarem uma DISSERTAÇÃO ARGUMENTATIVA.

A **notícia** é um gênero de texto com a função social de informar. Encontramos narração na notícia (Um rapaz entrou em uma farmácia, pegou de uma arma de fogo, dirigiu-se ao caixa e levou todo o dinheiro existente). Essa sequência de ações / fatos justifica o tipo narrativo no gênero de texto notícia. Podemos encontrar na notícia o tipo descritivo também (Um rapaz, **com aproximadamente 30 anos de idade, alto, cabelos longos, corpo atlético**, entrou em uma farmácia, pegou de uma arma de fogo, dirigiu-se

ao caixa e levou todo o dinheiro existente). Quando a notícia estiver dando as características de determinada pessoa inserida no contexto, esse gênero de texto também traz o tipo descritivo – é o que ocorre quando inserimos todo o fragmento grifado no exemplo trabalhado acima. Portanto, um gênero de texto pode ter mais de um tipo de texto.

A **piada** é o gênero de texto com a função de entreter. Se a banca examinadora seleciona uma piada e apresenta em sua prova, exigindo que você identifique qual a intenção do autor da piada, você deve marcar a alternativa que afirme ser a intenção de ENTRETER. Já o gênero de texto notícia tem a intenção de INFORMAR. Sendo o gênero de texto um artigo de opinião, a intenção do autor é CONVENCER ou PERSUADIR. Sendo uma dissertação expositiva, a intenção do autor é INFORMAR. O gênero de texto sendo uma propaganda, a intenção do autor é CONVENCER. A exposição de motivos é um gênero de texto que tem duas intenções: INFORMAR o que está ocorrendo dentro do Estado ou fora do Estado ao representante do Poder Executivo ou SUGERIR iniciativas ou medidas durante a gestão pública. Portanto, na prova pública, você deve identificar o gênero de texto para saber reconhecer qual a intenção do autor com seu texto.

1.3. TIPOS DE DISCURSO

Existem três tipos de discurso: **discurso direto**, **discurso indireto** e **discurso indireto livre**.

1.3.1. DISCURSO DIRETO

Ana disse: – eu estudo matemática.

Observa-se: 1. “Ana disse” é a fala do narrador; 2. “eu estudo matemática” é a fala do personagem; 3. O verbo na fala do narrador (“disse”) é chamado de verbo de elocução ou verbo dicendi; 4. A pontuação (uso dos dois-pontos e o travessão) demarcam o início da fala do personagem. 5. Podemos também

retirar o travessão. Mas é preciso ter a fala do personagem entre aspas. Confira: “Ana disse: “eu estudo matemática”.

1.3.2. DISCURSO INDIRETO

Ana disse que estudava matemática.

Verifica-se: 1. Mantém-se o verbo de elocução, mas não há os dois-pontos e o travessão; 2. Toda a fala do personagem agora está na fala do narrador. 3. Para se passar do discurso direto para o discurso indireto, é preciso fazer uma reescrita do discurso direto, ou seja, fazer uma paráfrase. E, conseqüentemente, nessa reescrita, a enunciação do personagem passa a ficar na voz do narrador. 4. No lugar dos dois-pontos, temos agora a conjunção integrante “que”.

1.3.3. DISCURSO INDIRETO LIVRE

Ana resolvia, atendendo ao pedido de seu professor, uma questão de prova, quando distraidamente não percebeu uma irregular flexão verbal no fragmento do texto. **Puxa, minha falta de atenção foi imperdoável!** Ana ficou muito irritada, por não ter percebido o erro de concordância verbal. E prometeu ser mais cuidadosa da próxima vez.

Observa-se que no discurso indireto livre, o discurso direto não traz antes verbo de elocução. Não há sinais de pontuação que denunciem a demarcação entre a fala do narrador e a fala do personagem. Não existe a conjunção subordinada integrante “que” para se ter um conector entre a fala do narrador e a fala do personagem. Enfim, existe uma fluidez entre essas distintas falas. No exemplo acima, o contexto é o que nos faz identificar o discurso direto, ou seja, **“Puxa, minha falta de atenção foi imperdoável”** está inserido na enunciação sem demarcação que indique o fim do discurso indireto e o começo do discurso indireto. Ficam, aparentemente, misturadas as falas do narrador e a fala do personagem. Apenas o sentido assume a responsabilidade de distinguir uma da outra.

1.3.4. CORRESPONDÊNCIA DE TEMPOS VERBAIS ENTRE DISCURSO DIRETO E DISCURSO INDIRETO

Quando passamos do discurso direto para o discurso indireto, é preciso ter cuidado quanto à correlação dos tempos verbais. Essas passagens são bastante cobradas em prova, sobretudo quando se contextualiza articulação de tempos e modos verbais ou em questões sobre vozes verbais. Vamos a elas.

1. DISCURSO DIRETO com verbo no presente do indicativo: o verbo **no DISCURSO INDIRETO** passa a ser o pretérito imperfeito do indicativo.

Ex.: Ana disse: – **estudo** Física. (discurso direto)

Ana disse que ela **estudava** Física. (discurso indireto)

2. DISCURSO DIRETO com verbo no pretérito perfeito do indicativo: o verbo **no DISCURSO INDIRETO** passa a ser o pretérito mais-que-perfeito.

Ex.: Ana disse: – eu **li** a carta. (discurso direto)

Ana disse que ela **lera** a carta. (discurso indireto)

3. DISCURSO DIRETO com verbo no futuro do presente do indicativo: o verbo **no DISCURSO INDIRETO** passa a ser o futuro do pretérito do indicativo.

Ex.: Ana falou: “Eu amanhã **irei** à festa” (discurso direto)

Ana falou que no dia seguinte ela **iria** à festa. (discurso indireto)

4. DISCURSO DIRETO com verbo no presente do subjuntivo: o verbo **no DISCURSO INDIRETO** passa a ser o pretérito imperfeito do subjuntivo.

Ex.: Ana declarou: – Talvez eu **acorde** cedo. (discurso direto)

Ana declarou que talvez ela **acordasse** cedo. (discurso indireto)